



O devaneio de Bachelard e suas implicações na percepção de leitura de leitoras-linguistas

Cássia Mara Amorim Marques

Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET -MG

Doutoranda em Estudo de Linguagem

cassia.amorim.j@gmail.com

Cláudia Elisa Amorim Jesus

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus

São João del Rei

Graduanda em Letras Espanhol

amorimclaudiaelisa@gmail.com

Resumo: O artigo se propõe a discorrer sobre o conceito de devaneio apresentado em Bachelard (1988), as relações deste com o que se compreende por *animus* e *anima* em contexto literário e a forma como as autoras, linguistas, buscam assimilar todas as ideias acima citadas dentro da compreensão linguística de suas leituras.

Palavras-chave: Devaneio; animus; anima; estudos literários, literatura.

Introdução

No livro “A poética do devaneio”, Bachelard contrapõe os sonhos com os devaneios e os identifica como sendo pertencentes a duas categorias diferentes. Para melhor compreender tal diferenciação, buscamos em Carl Jung alguns conceitos que são caros para a Psicologia, mas que se aplicam tanto aos Estudos Literários quanto aos Linguísticos, de tradições mais duras. Ressaltamos aqui, a necessidade de diferenciar Estudos Literários de Estudos Linguísticos, porque partimos de conhecimentos que se ancoram em teorias de linguística aplicada para ensino de língua estrangeira e a cada vez que nos aventuramos por conceitos literários, sentimos que a busca e o aprendizado são muito grandes e do mesmo modo, um deleite. Ainda assim, como leitoras, temos tradições e percursos de leitura que levam a associar os conhecimentos acadêmicos adquiridos com práticas de leitura anteriores a ele. Nesse sentido, ler e escrever a

respeito de Bachelard mostrou-se uma agradável surpresa e um resgate de memórias imprevisíveis.

A *anima* e o *animus* na construção linguística e o sonhador de palavras

Em construtos teóricos de Carl Jung, encontramos a definição de inconsciente coletivo, a qual relaciona a existência de uma camada profunda e compartilhada do inconsciente que é inata a todos os seres humanos. Diferentemente do inconsciente pessoal, que contém experiências individuais e memórias pessoais, o inconsciente coletivo contém elementos universais, arquétipos e imagens simbólicas que são comuns a todas as culturas e sociedades. Para Jung, padrões simbólicos, mitos e temas recorrentes estão presentes em todas as culturas, indicando a existência de uma *psique* compartilhada que transcende as diferenças culturais e históricas. *Animus* e *anima* tratam-se de arquétipos, dentro da teoria de Jung, que são elementos-chave no inconsciente coletivo, representando padrões de pensamento, imagens e emoções universais que se manifestam em mitos, contos de fadas, religiões e sonhos. Antes de nos aprofundarmos especificamente em *animus* e *anima*, destacamos que a linguagem é um fator que desempenha um papel importante na expressão e comunicação desses elementos do inconsciente coletivo, à medida que mitos e símbolos são transmitidos através das gerações por meio de narrativas, rituais e outras formas de expressão linguística.

Jung postula que *anima* é o arquétipo feminismo no inconsciente coletivo de um homem, assim representando características femininas que podem estar relacionadas com aspectos emocionais, intuitivos e relacionados à criatividade, que o homem carrega consigo. Bachelard por sua vez, ao destacar a importância do arquétipo *anima* dentro do processo de construção da linguagem, cita que as palavras com desinências femininas são impregnadas de doçuras e pertencentes, assim, à linguagem de *anima*. O estudioso, ao contrastar nomes de rios franceses, associa a feminilidade das águas verdadeiras aos rios cujos nomes são femininos tais como Alba, Sena, Mosela e Loire.

Já o *animus* de Carl Jung é o arquétipo masculino no inconsciente coletivo de uma mulher, representando a natureza masculina dentro de uma mulher e estaria relacionado a características como a racionalidade, lógica e assertividade. Ao contrastar os rios franceses, Bachelard destaca que os nomes dos rios com desinência masculina, o Ródano e o Reno, carregam as águas das geleiras.

A partir desse breve panorama, retornamos à forma como Bachelard contrasta sonhos e devaneios. Para o autor, o masculino e o feminino designam nossos estados de alma e os poetas são os sonhadores das palavras, desse modo os sonhos fazem parte do *animus*, ocorrem à noite, na parte sem luz do dia. Já os devaneios se relacionam à *anima*, com o sonhar acordado e tudo o que há de envolvente e suave no feminino da alma.

Bachelard se coloca para nós, portanto, como um filósofo sonhador, aquele que cessa a reflexão e dá espaço para a imaginação, e ao fazê-lo sonha a linguagem. Para ele, as palavras saem do fundo dos sonhos, percebe a rivalidade entre o masculino e o feminino na origem das palavras, ele separa *rêve* e *rêverie* como duas espécies de um mesmo onirismo de modo que *rêve* (sonho) é masculino e *rêverie* (devaneio) é feminino. Destaca ainda que o devaneio, em todas as pessoas, quer seja homem ou mulher, é a manifestação da *anima*.

O próprio Bachelard assinala: para os linguistas, o masculino e o feminino dos nomes se devem ao acaso. Para explicar tal fato, o autor destaca a necessidade de deixar os limites da razão e buscar no exame onírico a justificativa. O autor se volta para o incômodo expressado por Simone de Beauvoir quanto à essa aleatoriedade do gênero e ressalta que ela exemplifica que em francês, a maioria das entidades são femininas: beleza, lealdade... O texto explica ainda que o ideal da natureza humana é feminino, uma vez que a mulher é a figura sensível da alteridade, o que explica o fato de quase todas as alegorias, na linguagem e na iconografia, serem mulheres. As palavras, segundo o autor, foram definidas e redefinidas nos dicionários, por linguistas, de modo que se tornaram instrumentos de pensamentos e perderam seu onirismo interno. Para o resgate do onirismo seria necessário, então, examinar os “filhos da noite” - nomes que ainda sonham e que teriam a capacidade de aplicar às palavras o onirismo perdido.

Não podemos deixar de ressaltar também que Bachelard propõe que as palavras que nomeiam as grandes coisas somente assumem seu sentido a partir do momento que são designadas em pares, tais como: a noite e o dia, o sono e a morte, o céu e a terra. Assim sendo, o autor demonstra que a partir do momento que um ser é investido de potência, tal potência é sexuada, sendo ela feminina ou masculina. O autor ressalta que os significados evoluem do humano para o divino, de fatos tangíveis para sonhos. Uma vez que, como citado anteriormente, as palavras têm uma potência que é feminina ou masculina, o autor nos leva a refletir sobre os objetos, suas representações e condição de sagrado. Para ele, no processo do objeto encontrar seu nome, o objeto sonhado encontra o papel que virá a desempenhar no mundo de modo que o devaneio sacraliza o objeto. Durante o processo, o objeto se torna um amuleto, que nos ajuda

e protege no caminho da vida. A ajuda é materna ou paterna. Dessa forma, o amuleto é sexuado e seu nome não pode enganar-se de gênero.

Alguns teóricos da Linguagem e o devaneio

Na tentativa de compreender melhor as relações entre linguagem, consciência, sonhos e devaneios, buscamos Husserl *apud* Ziles (2001), que, ao negar a Psicologia como forma de explicar as leis lógicas da fenomenologia, lança mão à seguinte pergunta: “como é possível que o sujeito alcance, com certeza e evidência, uma realidade que lhe é exterior?” Para ele, a consciência é a consciência de algo. Nesse caso, busca-se compreender o que é que se mostra e como se mostra. Como se mostra à consciência que intenciona, que escolhe, que percebe, que deseja, que fantasia, que age, que produz. Assim emanam os termos *noema* e *noesis*. Termos que o autor se vale para demonstrar a ligação e ao mesmo tempo a inseparabilidade entre Consciência e Mundo, entre eu e o outro, entre sujeito e objeto, entre a intenção e o objeto intencionado. É através da compreensão da relação entre o pensar e o pensado, entre o lembrar e o lembrado, que o vivido, na sua pureza, é compreendido. Ou seja, *noese* se funda em atos em que a consciência visa um certo objeto de tal modo, e noema é o conteúdo desses objetos.

E nesse feito, Husserl parte da Tese do Mundo. O mundo está aí diante de nós, é tudo que é revelado direta e imediatamente. E essa revelação se dá pela experiência sensível: objetos que estão numa dimensão espaço-temporal, com propriedades e relações. Ora, vivencia-se a todo tempo a chamada Tese do Mundo. Mais que vivenciar, faz-se uso dela. E desse uso advém a atitude natural, atitude na qual atribuo a mim um corpo em meio a outros corpos e me insiro no mundo através da experiência sensível, “[...] num mundo de coisas que se estende ‘perante o meu olhar’ no espaço e no tempo... Descubro-me a mim mesmo como ‘ser-no-mundo’” (Kelkel; Schérer, 1982, p. 41).

O que ocorre, então, se esse ser no mundo venha ser o poeta? Bachelard espera e quer que seja pelo sonho e pelo devaneio. E ensina: o sonho é atividade noturna, já o devaneio, diurno. E devanear é começar a ser feliz. Afinal de contas, um sonhador recebe uma força de coerência quando se é fiel aos seus sonhos, graças aos seus valores poéticos. A poesia constrói o sonhador e seu mundo. Ao mesmo tempo.

Ao que Bachelard aponta como coerência, encontramos suporte ao que Cosson concebe para letramento literário,

é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o *processo*, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de *apropriação*, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes (Cosson, 2023).

De fato, ler um poema é ter palavras para dizer o que não conseguimos expressar antes. Eis um encontro na leitura do poema e na posse de palavras para se expressar. E esse encontro se liga à negação de Husserl, à concepção de Bachelard em relação à Psicologia. Bachelard acredita que os psicólogos, em sua embriaguez de realismo, insistem demais no caráter de evasão dos devaneios. E quando o fazem, nem sempre reconhecem que o devaneio tece em torno do sonhador laços suaves. As palavras, para os psicólogos, não sonham. Já o sonhador, na tessitura, assume ser o “ligante”. Portanto, devaneio poetiza o sonhador. Então, é momento de reconhecer um poder de poetização, uma poética psicológica, onde todas as forças encontram uma harmonia. Ora, o que seria então tecer? Aqui, quem sabe, ousou dizer, que beber do significado contido no dicionário, seria dizer do significado a grosso modo, vejamos: “entrelaçar; prender organizadamente, juntando uma coisa a outra ou entre si [...]. Compor algo através da junção ou da sobreposição de fios produzidos pelo próprio corpo ou com outros materiais”¹.

E essa tessitura em Bachelard não se concebe por alto. Afinal de contas, as palavras sonham. As palavras recebem certa espessura de significação e cada objeto é o representante de uma infinidade de objetos. E é preciso restituir os devaneios de um objeto familiar e quando quisermos saber como o objeto pode encontrar seu nome, necessário é sonhar mais longe, a ponto de se perder nos devaneios. E longe de uma definição sumária, tecer, ainda que no sentido figurado, é criar de modo irreal, compor fazendo o uso da imaginação.

Quanto à imaginação, Wittgenstein garante que existem diferenças entre as palavras das sensações e a imaginação é distinção conceitual. E essa distinção não se dá pelo fato de que essas palavras se referem a qualquer coisa. Sensações são habilidades. E dominá-las é uma instituição. Sem um critério público nunca se saberia o que alguém imaginou. Logo, a diferença

¹ Definição do Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tecer/>>. Acesso em: 05/01/2024.

entre uma representação e uma figura está no fato de que uma figura pode ser mostrada, enquanto que, para sabermos o que alguém imaginou, só pode ser dada recorrendo a uma figura. A imaginação está vinculada a processos ou estados mentais e a informação é o modo como se faz a passagem entre esses estados mentais. A informação é a concepção da linguagem como meio, em que acontece a passagem de uma mente para outra. Nesse sentido, a linguagem descreve objetos e diz através do qual se faz a passagem de uma mente para outra. Nessa concepção, diz Wittgenstein, essa passagem é feita por um “procedimento misterioso”, que os apanha e os carrega da mente do falante para a mente do ouvinte.

Seria, então, o devaneio, esse processo misterioso? Afinal de contas, o poeta sonha palavras. E palavras, como citado anteriormente, recebem espessura de significação.

De fato, mergulhar nas profundezas das palavras não resulta mera atividade oca e vazia. Nodier, que encoraja Bachelard, reforça essa ideia. Não só por ter sonhado entre palavras e coisas como também ter se entregado à felicidade de nomear (Bachelard, 1988). E nesse caminho, confere uma onda de feminilidade às coisas bem nomeadas.

E se as palavras sonham que elas sejam nomeadas e bem nomeadas ganham ondas de feminilidade, implica mergulhar em profundezas. Fazê-lo, leva a compreender que o devaneio está sob o signo de *anima*. Devaneio profundo tem como ente sonhador a *anima*. E por mais que pese colocar os psicólogos como realistas e promotores da evasão do devaneio, a fonte que se bebe para dar nuance feminina ao devaneio é a de Jung. Não basta apenas ao poeta no afã de conferir algum gênero nessa ou naquela palavra, querer “casar a aurora com o luar” (Bachelard, 1988, p. 38). Aqui, não se diz apenas de um modelo de união do masculino com o feminino. E sim, em como ela se dá, ao sonhar palavras. Principalmente se reiterarmos do lugar que nasce o devaneio poético - nascem das forças vivas da linguagem. E diante dessa vivacidade, “o homem sonha mais, sonha na própria vida da linguagem e então, como na expressão de Proudhon, o homem pôde ‘dar sexo às suas palavras’” (Bachelard, 1988, p. 44)

Uma reflexão de leitoras que tentam compreender Bachelard

Durante as leituras e tentativas de compreensão das obras, um aspecto importante nos acompanhou durante todo o percurso: o constante questionamento em face a toda a informação com a qual nos deparamos. Indagar é, sem sombra de dúvidas, uma das atividades iminentes e constantes de quem em comum teve os livros como companhia da mais tenra idade

até aqui. E é nas indagações que buscamos aprofundar nos conhecimentos necessários para as pesquisas que desenvolvemos.

Mas a leitura de Bachelard, em especial, trouxe a conjuntura: as impressões de uma obra literária que sempre nos foi muito benquista e nos uniu à nossa criança interior. Puro devaneio. A obra de Lewis Carroll, “Alice no país das maravilhas” nos acompanhou durante boa parte da infância e adolescência, e nos levou diversas vezes a *daydreams*, devaneios que conservamos. A Alice de Carroll, uma menina que conversa com uma lagarta, e ao responder à pergunta “Quem é você?” responde: Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...” (Carroll, 2009, p.48), nos deixou mais confortável para lidar com as informações contidas aqui neste documento, uma vez que é possível sim, lidar com a arbitrariedade e aleatoriedade que os dicionários atribuem às palavras, ao passo que podemos devanear com as palavras e significados como nos convida Bachelard.

A personagem Alice passa por situações nas quais um leitor desavisado poderia se questionar se a menina está vivenciando alguma crise de loucura, ou se tudo o que acontece está apenas no campo da fantasia e em Bachelard encontramos subsídios para sustentar a tese de que a garota estava devaneando.

Bachelard postula:

Tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador de sonho noturno é uma sombra que perdeu o próprio eu, o sonhador de devaneio, se for um pouco filosófico, pode, no centro do seu eu sonhador, formular um cogito (Bachelard, 1988, p. 144).

Alice não se perde de seu próprio eu, ela se mantém consciente durante sua jornada fazendo indagações e percorrendo seu caminho. Caminho que pode levar o leitor a questionar se a menina não estaria fugindo da realidade, uma vez que Alice inicia sua jornada ao seguir um coelho até sua toca, coelho que tira um relógio do bolso do colete. A descrição do que ocorre a partir desse instante pode desafiar a lógica do tempo e do espaço, mas novamente encontramos em Bachelard a explicação que nos leva a sustentar a ideia de que a menina estava vivenciando um devaneio. “Mesmo quando o devaneio dá a impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta – é ele, em carne e osso, que se torna um “espírito”, um fantasma do passado ou da viagem” (Bachelard, 1988, p. 144).

Enquanto segue sua jornada, Alice pensa, se questiona sobre sua localização, sabe quem ela é, pensa em sua família, se questiona se sua gatinha, Dinah, sentiria sua falta naquela noite, o que são indícios de que ela mantém a consciência, de que, como afirma Bachelard, ela está se ausentando de seu tempo e seu lugar. Ao passar por esse processo, Alice embarca em uma viagem extraordinária, na qual a flexibilidade do onirismo do devaneio permite que ela altere seu tamanho, tenha conversas com seres com os quais não se espera que ela as tivesse, entre em locais nos quais a realidade não a permitiria estar. Sua condição inicial, antes do devaneio iniciar, não apresentava nada de extraordinário, ela estava sentada com a irmã na margem de um riacho e estava começando a se sentir cansada. Da total naturalidade e normalidade, passamos ao devaneio, quando surge o coelho branco, mas não sem antes Alice sentir que estava com calor e com sono, seu pensamento divaga para a ideia de fazer uma guirlanda de margaridas e, então, o texto introduz a viagem da garota, afirmando que algo de inusitado acontece com o surgimento do coelho que passou por ela.

Bachelard também ressalta que o devaneio se sustenta na pluralidade e na imaginação e dá origem à imagem, a imagem criada, que não está presa ao conceito, ao tempo nem ao espaço, como acontece quando Alice se interessa pelo coelho e o segue.

Alice deu um pulo. É que, de repente, ela se deu conta de que nunca antes tinha visto um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar do bolso. Morrendo de curiosidade, saiu correndo atrás dele pelo campo afora, bem a tempo de vê-lo se meter dentro de uma toca enorme, debaixo de uma moita (Carroll, 2009, p. 14).

No final de diversas aventuras, Alice acorda e conta para a irmã, tanto quanto pôde, as aventuras vivenciadas durante seu devaneio. A irmã, por sua vez, se põe a imaginar como seria Alice no futuro, contando histórias maravilhosas e fazendo o olhinho de crianças brilhar com as maravilhas que conta.

Percebemos, mais uma vez, ao final de uma aventura que envolve uma toca de coelho, “A lagarta e o cogumelo”, “Um gato sorridente”, “O chapeleiro maluco e a lebre de março”, dentre outros, que o convite de Bachelard é válido. Embrenhar por esse convite é conceber como possível e desejável deixar o conceito dicionarizado um pouco de lado e embarcar, junto com os sonhadores das palavras, em devaneios que não nos roubam da realidade, mas nos transportam, de forma consciente, para um mundo maravilhoso. Nesse mundo, acontece o deleitar em *anima*, onde se aproveita a sutileza, doçura e criatividade que tal arquétipo é. E no qual o devaneio se realiza. Afinal de contas, como Alice, há que sempre desejar fugir dos dias normais e deixar correr solta a imaginação.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

COSSON, R. Letramento literário. In: CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO. LEITURA E ESCRITA. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2023. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario#>. Acesso em: 05 jan 2024.

JUNG, G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo, v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2018.

KELKEL L., A.; SCHÉRER, R. **Husserl**. Lisboa: Edições 70, 1982.

ZILES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 dez 2023.

Bachelard's daydream and its implications on the reading perception of female linguist readers

Abstract: The article here presented aims to discuss the concept of daydreaming presented in Bachelard (1988), its relations with what is understood as animus and anima in a literary context and the way in which the authors seeks to assimilate all the ideas above cited within the linguistic understanding of their readings.

Keywords: Daydreaming; animus, anima; language studies, literature.

Recebido: 02 julho 2024

Aprovado: 09 julho 2024